

DEZESSETE

Sala de interrogatório. Ambiente fechado, claustrofóbico, imundo, abandonado. Parece que toda a situação é montada, Xavier se sente como se não controlasse nem as próprias ações. Clara está vestida comedidamente. Os dois já se conhecem, mas não têm muita intimidade. O interrogatório já começou. Carlos Xavier tem o tom formal, quase comedido, direto.

– Por que você acha que Otávio se matou?

Ana Clara responde quase irônica, depois de uns instantes de silêncio:

- Você já teve algum sonho?

- Já, claro. – Responde Carlos Xavier, na defensiva.

- Então você sabe que se não concretizarmos aquilo que idealizamos, há uma grande decepção.

- Óbvio. Mas devemos estar acostumados com as decepções.

- Você não entende. Imagine que toda a sua vida fosse baseada em um único ideal. E, depois de algum tempo, você percebe que ele é impossível de se alcançar. Você perde totalmente os seus parâmetros. Não sabe em que mais acreditar. Não tem por que lutar, para que continuar. É uma frustração que consome toda a sua energia, todo o seu raciocínio, que te aprisiona e faz com que você não pense em outra coisa. Você se sente incapaz de reagir, simplesmente porque não enxerga a possibilidade de reação. Está dentro de um buraco profundo, úmido e sem luz, e não sabe que existe um mundo lá fora. Às vezes basta levantar a cabeça e colocá-la para fora. Mas, é como ter fé. Se você não conhece o absurdo, a irrealidade, a fantasia, como pode acreditar nisso? Se você não sabe da existência de um caminho para fora da sua toca, para fora da caverna em que você está acorrentado, como se levantar?

- E qual era o sonho de Otávio?

Clara se movimenta na cadeira, visivelmente incomodada.

- No caso dele era ainda pior.

- Como assim?

- Ele se sentia um traste. Me contava cada história que eu ficava muito assustada. Ele falava que era um peso *morto* – dá um enfoque irônico na palavra – para a família. Há muito tempo ele não tinha um sonho por que viver. Parecia que tinha mudado, que estava se recuperando, mas nada mudou. Agora, consigo ver isso. Era tudo uma armação, um plano dele para eu não sofrer. Ele não queria que eu me sentisse culpada. Pensou em mim. Ele acreditava que se acabasse com a própria vida, estaria fazendo um bem para todos. Em nenhum momento ele imaginou que Tetê faria esse escarcéu. Tudo ficou claro para mim agora. Todas as nossas conversas... Lembro de alguns de nossos últimos encontros. Foram uma espécie de despedida, dá para ver agora. Ele não

enxergava nada, não conseguia mais. Tinha erguido um muro alto em torno de si que o impedia de interagir com outras pessoas. Acho que nos últimos tempos, ele apenas amadureceu a ideia. Não estava mais deprimido, conseguira passar por isso. Estava calmo, quase seguro. Dizia lugares-comuns do tipo “a vida não vale a pena”, ou “não há razão por que se viver”. Mas agora percebo que a ideia do suicídio virou um fim em si, para ele. Era o motivo de sua vida, por mais antagônico que isso possa parecer. Como se ele quisesse dominar o dia da morte, entende? Brincar de Deus. Todos os escritores querem ser Deus. Já pensou nisso, Carlos?

Xavier estava impressionado, mas tentava não demonstrar. Clara dominava por completo seu depoimento. Era multifacetada. Ele a conhecera como a menina frágil, pega de surpresa com o suicídio do namorado. Depois, fora espontânea – prática até – ao conversarem no restaurante. Agora, era a dona do diálogo. Não conseguia se desvencilhar dela. Tinha experiência em entrevistas, mas aquela menina, daquele jeito, conseguia tirá-lo do sério. Sempre dava resposta que não imaginava escutar. Era surpreendido a cada troca de palavras.

- Não, nunca.

- Otávio desistiu porque não enxergou outra saída. E a própria desistência virou a saída. Não era um peso, não era errado, ele apenas decidiria o fim da vida. É uma ideia e tanto. Ele não tinha medo da morte. Não como as pessoas comuns.

Carlos Xavier tentou retomar o controle do depoimento:

- Como você sabe disso? Vocês conversavam sobre o suicídio?

Ela retirou de dentro da bolsa um exemplar de *O suicídio: uma biografia*, Otávio Oliveira, e jogou sobre a mesa, para o lado do detetive. Ele ficou mais uma vez impressionado.

– Nunca.